

No incêndio, a maior tragédia é a perda da obra de Torres-Garcia

FREDERICO MORAIS

Difícil escrever depois do impacto da tragédia. Como era difícil conter o soluço e não chorar diante daquelas imagens de terra arrasada, como se ali tivesse explodido pouco antes, uma nova bomba de Hiroshima: ferros retorcidos, vidros estilhaçados e ruído diante de nós, restos de moldura e de painéis, desenhos e pinturas destruídas, esculturas chamuscadas, a água escorrendo por todas as frestas do edifício de concreto, o calor insuportável envolvendo todo o ambiente: Desolação e tragédia: em pouco mais de meia hora, algum tempo depois de encerrado o espetáculo do grupo chileno Água (suprema ironia), o fogo devorou os três andares do bloco de exposições do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. A perda é irreparável: para o Rio (que terá momentaneamente um dos seus centros culturais mais expressivos, desativado, inclusive com o adiamento de três exposições programadas para este ano: do alemão Bissier, em setembro, outra sobre os anos 60, no Brasil, prevista para outubro, outra sobre a cultura indígena e a Amazônia, prevista para novembro); para o Brasil (pois de seu acervo constavam algumas significativas obras de arte brasileira); para a América Latina (com o incêndio consumiu-se cerca de 70 obras do período construtivo do artista uruguayo Joaquín Torres-García, o maior pintor teórico do continente, com atuação e influência destacada na Europa e nos Estados Unidos) e, porque não dizer, para a arte moderna em todo o mundo. Afinal, mesmo modesto, se confrontado com o de outros museus dentro e fora do país, o acervo do MAM carioca contava com uma importante coleção de obras de surrealistas europeus (Magritte, Miró, Dalí, Klee, Tanguy, Max Ernst), de abstratos (Hartung, Pollock, Soulages, Fautrier, Dubuffet, Rothko) e geométricos (Max Bill, Albers, Fontana, Vordemberg-Gildewart), Brancusi, etc.) além de Picasso, Giacometti, Matisse, Leger, etc.

Difícil escrever, repito, algo de sensato e de ponderado, que não se deixe envolver pelo choro e pela emoção. Sim, porque diante do impacto do fogo destruído costuma-se perguntar pelas causas e, se estas não foram acidentais, quais seriam os culpados. O certo é que o fogo, segundo as primeiras indicações, teve início na sala Corpo e Som, pouco depois de terminado um dos seus espetáculos. Sabe-se que esta sala sempre funcionou ali, no segundo andar do bloco de exposições, improvisadamente, em instalações inadequadas. E contra todos os argumentos que se apresentavam contra a Sala, inclusive os prejuízos que trazia ao bom funcionamento das exposições, se argumentava que nela residia uma das fontes de renda do Museu. Pode-se perguntar sobre a segurança noturna do Museu (um museu que contrariando todas as normas de segurança, tendo em vista o valor de seu acervo — só dois Picassos valem dois milhões de dólares — tem várias entradas e saídas dificultando sobremaneira a vigilância) que não teria percebido o fogo de imediato, retardando a comunicação, assim como teria havido, também, demora na chegada do Corpo de Bombeiros. E por que não existiam os sistemas de alarme anti-fogo do Museu? Enfim, mil perguntas poderão ser feitas. Muitas serão respondidas depois de concluídas a perícia, outras ficarão no ar, sem respostas.

O momento, porém não é de acusações ou de arrepelamentos, mas de solidariedade, de união de esforços, de ação imediata. Os prejuízos já podem ser avaliados. Apesar de vultosos no plano material, são muito maiores no plano cultural. No que se refere ao acervo, sobretudo o internacional, o prejuízo foi enorme. Neste momento não se pode avaliar a extensão do estrago. Certamente muitas obras poderão ser recuperadas, mesmo as pinturas e os desenhos. Afinal, temos um bom número de restauradores em plena atividade, que fatalmente serão acionados. Muitas das esculturas — Brancusi, Giacometti, Laurens etc. — aparentemente estão salvas. O acervo do Museu, entretanto, tem um total aproximado de mil obras, segundo se afirma. Dos estrangeiros, além dos citados, o Museu contava em seu acervo com obras de Brauner, Campigli, Domela, Kandinsky, Andre Lhote, Alberto Magnelli, Matta, Metzinger, Motherwell, Ben Nicholson, Nay, Rivera, Stamos e, entre os brasileiros, Lygia Clark, Aluisio Carvão, Ivan Serpa, Guignard, Portinari, Di Cavalcanti, Ismael Nery, Segall, Tarsila, Maria Martins etc. Ainda não se pode definir com precisão o que pode ser salvo e o que se perdeu irremediavelmente. Do que se perdeu está certamente boa parte da história da arte moderna no Brasil e algumas obras de significação fundamental dentro da própria história da arte deste século. Muitas das obras que integravam o acervo do MAM carioca estão reproduzidas em livros e catálogos publicados fora do Brasil e estariam em lugares privilegiados dos museus franceses ou norte-americanos. No que se refere ao acervo de arte brasileira a tragédia não é menor: afinal a maior parte de seus autores está morta e o ciclo de sua arte



Só isto restou de 70 quadros de Torres-Garcia



De muitos quadros só restou a moldura

cerrado, portanto, não há dinheiro de seguro que possa ressarcir o prejuízo. E preciso lembrar igualmente que o Museu de Arte Moderna estava promovendo uma importantíssima mostra sobre arte latino-americana denominada "América Latina: Geometria Sensível". A mostra, que ocupava os dois andares do bloco de exposição (justamente os mais afetados pelo incêndio) — tinha como núcleo central cerca de 70 obras do período construtivo de Torres-Garcia, além de obras dos mexicanos Vicente Rojo e Sebastian, dos venezuelos Soto e Otero, dos colombianos Omar Rayo, Ana Mercedes Hoyos, Edgar Negret e Carlos Rojas, do peruano Orlando Condeso, dos argentinos Mercedes Esteves, Bonvardi, Jacques Bedel, dos uruguayos Nelson Ramos e Washington Barcala e dos brasileiros Adriano Aquino, Volpi, Amílcar de Castro, Antonio Dias, Arcangelo Avatar Moraes, Eduardo Sued, Mira Schendel, Paulo Roberto Leal, Ronaldo Rego Macedo, Rubem Valentim e Wilson Alves, ao todo cerca de 200 obras. A mostra propunha-se a analisar um dos aspectos da arte latino-americana, o que denominamos de sua vocação construtiva ou o que seu organizador, Roberto Pontual define como geometria sensível.

A tragédia do incêndio atinge por igual a todos os participantes, que com exceção de Torres-Garcia estão vivos e ativos (inclusive Volpi, que com seus 80 anos compareceu com três obras admiráveis). As obras expostas correspondiam a determinadas fases dos artistas. Destruídas pelo fogo serão cobertas pelo seguro, mas não serão refeitas. Entretanto são artistas com obra em curso, em processo. E a perda é sanável. A grande tragédia, a maior deste incêndio, maior mesmo que a perda dos Picassos, Brancusi, Magritte, etc. é o conjunto de pinturas, esculturas e objetos do período construtivo de Torres-Garcia. Não se trata de uma obra isolada, mas de uma fase completa, e a mais importante. Críticos e historiadores de todo o mundo reconhecem a importância fundamental da obra e idéias de Torres-Garcia entre nós, na América, nos Estados Unidos (Louise Nevelson, Adolf Gottlieb, Newmann, entre outros sofreram sua influência) e na Europa, onde foi o fundador do Grupo Circulo e Quadrado (que tinha entre seus integrantes Mondrian, Doesburg, Herbin, etc.). O "universalismo construtivo" de Torres-Garcia, por sua vez, foi fundamental a eclosão de movimentos de vanguarda na Argentina dos anos 40, além de interessarem ao brasileiro Rubem Valentim, ao guatemalteco-mexicano Carlos Mérida, ao peruano Fernando Szyszlo. A mostra do Museu foi a maior que o Brasil pode ver do artista uruguayo, pois a última vez que suas obras foram expostas aqui — ao todo 35 — foi na Bienal de São Paulo, em 1959. As obras expostas no MAM (de 1928/1944) foram realizadas na Europa e no Uruguai.

A tragédia, porém, não deve significar desânimo nem desativação de suas atividades. Um Museu de Arte Moderna, no seu sentido atual, é muito mais que um prédio, é muito mais que um acervo, mesmo se este possui obras excepcionais. O Museu é um programador de atividades e estas podem se desenvolver mesmo fora do espaço físico do Museu, no amplo salão de exposições da cidade. Se temporariamente o bloco de exposições está destruído as atividades culturais podem ser desenvolvidas no pátio externo, em qualquer lugar. E mais, restou íntegro o Bloco de Cursos, o primeiro a ser construído e onde, de início, tinham lugar as exposições. A tragédia de agora pode ser um convite a um retorno às origens, inclusive àquela pureza inicial que envolvia todos — funcionários, diretores, artistas e professores num gesto solidário e cheio de amor. Aos artistas de vanguarda, aos artistas experimentais cabe, neste momento, um gesto de despreendimento, muito pode ser feito no Museu, mesmo sobre seus escombros. A arte sempre foi um exercício de experimental de liberdade, como costuma dizer Mário Pedrosa, não importam as dificuldades ou circunstâncias do momento. Porém, o mesmo apelo que fazemos aos artistas, endereçamos às autoridades culturais do País: ergam o quanto antes o bloco de exposições, forneçam os recursos necessários à reconstrução. Um país ainda tão carente de cultura como o nosso não pode prescindir, se dar ao luxo, de viver sem o seu Museu de Arte Moderna. O Rio será menos Rio sem o Museu de Arte Moderna, de tal maneira ele está integrado nos fluxos e refluxos de sua vida cultural. O importante, por isso mesmo, é não parar: que prossigam as exposições, os cursos, as mostras experimentais, as sessões de cinema, e que o público continue frequentando o Museu. O momento exige solidariedade. Depois, passado o trauma, vamos repensar o Museu, discutir sua programação cultural, como dirigi-lo de forma mais eficaz ainda, descobrir novas fontes de recursos, construir o bloco de teatro. Internamente esta é a tarefa do momento. Externamente deve o Museu explicar de forma convincente as causas do incêndio a fim de que artistas e museus de fora não receiem entrar para aqui exposições, depois de recuperado o prédio. Por ora, os símbolos do incêndio são negativos: justo quando o Brasil se abre para a América Latina em mostra das mais significativas, o fogo destruiu seu bloco de exposições. O fogo destruiu justamente uma exposição cujo significado maior era a construção. Mas poderemos, num movimento solidário e inteligente construir novos símbolos: atividade cultural é um deles.

INTENSIVO SUPLETIVO VESTIBULAR

GRUPO WAKIGAWA DE ENSINO

Copa: Min. Viv. de Castro, 157-2º and.
Catete: Rua do Catete, 257-2º and.
Centro: Rua Uruguaiana, 24-3º and.

Tijuca: V. de Itamarati, 73
V. Isabel: Teodoro da Silva, 453
Meier: Ana Barbosa, 13-3º and.

SUPLETIVO/VESTIBULAR

CONCLUA O 2º GRAU EM 78 E INGRESSE NA FACULDADE EM JAN/79.

Turmas Supletivo conjugada c/ Vestibular - Especiais de Matemática, Ciências e Inglês - Conjugadas de 1º e 2º Grau. Estudo dirigido c/ APOSTILAS GRÁTIS. O MAIS ALTO ÍNDICE DE APROVAÇÃO DO RIO. Tradição de 25 anos de experiência. Orientamos mandados de segurança p/ matrículas nas faculdades. Também inscrevemos candidatos p/ exame SUPLETIVO em outros estados do Brasil. INÍCIO DE NOVAS TURMAS: 10/JULHO/78.

CURSO DALTRO/BCM

Centro: Av. Pres. Vargas, 529/19º andar - 221.9383
Copa: Av. Copacabana, 647/9º andar - 255.2224
Tijuca: R. Conde de Bonfim, 377/7º andar.
Madureira: Av. Edgard Romero, 236/206 - 359.1169.

SUPLETIVO NOS ESTADOS

Grande oportunidade p/ concluir o 2º GRAU.

Para dependentes MATEMÁTICA E CIÊNCIAS. Excelente p/ candidatos que estão na FACULDADE com mandado de segurança.

CENTRO NACIONAL DE INSCRIÇÃO NO SUPLETIVO
Av. Pres. Vargas, 529/19º — Tel.: 221-9383.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UERJ)

CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES/FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ADMINISTRAÇÃO UNIVERSITÁRIA, EDUCAÇÃO ESPECIAL, TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS

CURSO DE NIVELAMENTO

Estão abertas até 17 de julho as inscrições para o CURSO DE NIVELAMENTO destinado à preparação e seleção de candidatos ao CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO a iniciar-se em 1979.

- a) O Curso de Nivelamento terá início em 1º de agosto de 1978, correspondendo a 90 (noventa) vagas e será ministrado em 25 (vinte e cinco) semanas;
- b) Ao aluno que obtiver aprovação no Curso de Nivelamento será conferido certificado de ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO.
- O Requerimento de Inscrição deverá ser acompanhado dos seguintes documentos:
 - cópia do Diploma
 - Histórico Escolar
 - Curriculum Vitae
 - duas fotografias atuais e iguais 3 x 4
 - comprovante de pagamento da taxa de inscrição (Cr\$ 511,00).
- A seleção dos candidatos incluirá:
 - Análise e avaliação do "Curriculum Vitae" do candidato
 - Prova escrita em uma língua estrangeira (francês, inglês ou espanhol) à escolha do candidato, versando sobre tradução de texto concernente à Educação
 - Dissertação de, pelo menos, 30 (trinta) linhas versando sobre tema educacional determinado
 - Entrevista.
- As provas de que trata as alíneas "B" e "C" serão realizadas nos dias 19 e 20 do corrente às 9.00 hs. nas dependências da Faculdade de Educação — 12º andar.

Todas as provas são de realização obrigatória, não havendo, em hipótese alguma, concessão de vista ou revisão, ou segunda chamada.

- Inscrições e demais informações — Coordenação de Pós-Graduação — s/12020 — Bloco B — 12º andar — Pavilhão João Lyra Filho — Telefone 234-2130 ramal 68. Rua São Francisco Xavier, 524 — Maracanã.

Compre nas bancas o nono fascículo do Telecurso 2º Grau.

Já nas bancas o novo fascículo do Telecurso 2º Grau. Em forma de aulas, bem objetivas, todos os assuntos focalizados na televisão.

Lembre-se que as matérias obedecem ao currículo oficial e haverá datas especiais para os exames supletivos dos alunos do Telecurso 2º Grau. No primeiro semestre, programas e aulas de língua portuguesa, literatura brasileira, geografia e história.

O fascículo custa apenas Cr\$ 12,00. Com distribuição garantida pelo jornal O Globo. Compre o nono fascículo. E anote os horários dos programas.

Apenas Cr\$ 12,00

IM
FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO

E continue assistindo aos programas pela Rede Globo e TVE.

Rede Globo
De 2a. a 6a. - 7:30h.
Reapresentação às 8:15h.
Sábado - 8:30h. Às 8:45h
reapresentação geral da semana.

TVE
De 2a. a 6a. - 16:30h.
Reapresentação às 19:30h.
Domingo - 10h. Às 10:15h
reapresentação geral da semana.

Estude sempre. O caminho é esse.

ESTÃO ABERTAS NO LICEU DE ARTES E OFÍCIOS

Matrículas para os cursos de 1º Grau (1º e 2º Estágios) (Turnos Diurno e Noturno)

Curso de Suprimento em:

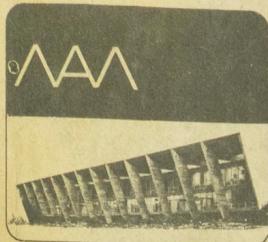
Fotografia	— A noite	Pintura	
Diagramação	— " "	Desenho	— Tarde e noite
Publicidade	— " "	Artístico	— Noite
Datilografia	— " "	Música	— " "
		Escultura e Modelagem	— " "
		Água Forte	— " "
		Gravura e Xilografia	— " "

Informações na Secretária das 9 às 21 horas
Rua Frederico Silva, 86 — Tel. 224-6005 e 224-5853
(Em frente a Igreja de Santana)

INTENSIVO É COM O

APROVAÇÃO TOTAL EM 78 MATRÍCULAS ABERTAS

ADN-MEIER: Rua Oldegard Sapucaia 9, 17 e 21. **ADN-BOTAFOGO:** Rua São Clemente 159. **ADN-TIJUCA:** Rua Conde de Bonfim 850. **ADN-MADUREIRA:** Padre Manso 207



O fogo — de causa ainda desconhecida — começou de madrugada e durou duas horas e meia. Quando foi debelado, estava destruído um patrimônio artístico de valor inestimável: telas de Picasso, Matisse, Salvador Dali, Portinari e centenas de outras.

Incêndio destrói quase todo o acervo do MAM

Um incêndio causado possivelmente por um curto-circuito destruiu, na madrugada de ontem, mais de 90 por cento das mil peças que compõem o acervo fixo do Museu de Arte Moderna (MAM). Foram inteiramente destruídos os 80 quadros do artista uruguaio Torres-García, que integravam a mostra "Arte Agora II", avaliada em um milhão de dólares. A peça mais valiosa do museu — "Mademoiselle Pogany", em bronze polido do romeno Constantin Brancusi, doação de Roberto Marinho — tal como as demais esculturas ficou apenas chamuscada. O prédio foi ontem mesmo liberado pela perícia, uma vez que sua estrutura não sofreu qualquer abalo. Iniciado às 3h40m, o incêndio não causou vítimas. A despeito do atraso de uma hora com que chegaram os bombeiros, salvou-se a cinemateca do MAM, única sala construída em paredes de alvenaria.

O fogo começou na sala "Corpo e Som" — usualmente improvisada em auditório — onde, às 23h30m de sexta-feira o grupo chileno "Agua" terminara de apresentar seu espetáculo de músicas andinas. Os cinco rapazes foram os últimos a deixar o prédio, aos cinco minutos de ontem, desligando antes o único aparelho eletrônico que usavam, o amplificador, e trancando na lixeira revestida de de azulejos — por falta de outro local — os seus instrumentos, que amanheceram intatos. Não há seguro que pague as perdas do acervo e do Museu de Arte Moderna como centro de formação e difusão de arte e cultura, na opinião unânime dos poucos artistas plásticos e críticos que lá estiveram logo pela manhã.

INCENDIO

O fogo começou no segundo andar do prédio, e foi levado pelo vento da sala Corpo e Som" para o extremo oposto do prédio, alastrando-se imediatamente para o andar superior. Destruíu, no segundo andar, a sala onde estava a mostra "Arte Agora II", promovida pelo "Ornamental do Brasil", e no terceiro as salas administração, biblioteca (nove mil livros especializados em artes plásticas e arquitetura), a tela do cinema, a sala onde funcionava a Sombrás, os arquivos e uma sala menor, onde estavam postos alguns quadros da mostra, organizada pelo crítico Roberto Pontual.

Assistiram ao início do incêndio os quadrigas do MAM: Miguel Rodrigues Santos, João José de França, Castê e José Leandro de Moraes. Além de o PM Carlos Alberto de Souza, do 13º M, e diversas pessoas que passavam pelas proximidades, entre elas Herli Mezes, Lucia Teles e Leda Aparecida Pereira. Esta última contou que, ao ver o fogo, ordenou ao motorista de táxi que a levasse até o Quartel Central dos Bom-

beiros, na Praça da República, para dar o alarme. Ao passar na Avenida Mem de Sá, cruzou com uma patrulhinha da PM, a quem contou o que ocorria. Disse que os policiais acharam graça, e, rindo, prometeram comunicar-se pelo rádio com os bombeiros. Leda seguiu mesmo assim até a Praça da República, onde ficou sabendo que os bombeiros já estavam se dirigindo para o MAM.

Segundo pessoas que estavam no local, os primeiros bombeiros chegaram com dois carros: um com defeito mecânico, outro com a mangueira furada. O vigia Miguel dos Santos disse que, logo após terminado o espetáculo do grupo chileno, ele desligou as luzes do prédio. Funcionários do Aeroporto Santos Dumont reclamaram da demora dos bombeiros, que também foram acionados por eles, e que, acrescentam, chegaram às 4h20m.

Dezenas de bombeiros do Quartel Central, comandados pelos capitães Cortes e Monteiro, pelo Tenente Sá Neto e pelo aspirante Mário, chegaram ao museu em dez carros, sendo duas escadas Magirus.

Quando chegamos aqui, os dois andares já estavam tomados totalmente pelo fogo. Já não havia mais nada para se salvar, apenas impedir que o fogo se alastrasse mais ainda, pois os dois andares eram pavimentos corridos — declarou o Capitão Cortes.

Segundo informação da sala de operações do Quartel Central, "a chamada para o incêndio do MAM ocorreu às 4h08m e às 4h10m o socorro já saía do quartel". A mesma fonte disse que houve dificuldades em confirmar "a veracidade do alarme". Por sua vez, o PM Carlos Alberto de Souza afirmou que tão logo viu fumaça saindo do lado direito do segundo andar do prédio telefonou para os bombeiros, isso às 3h40m. Os vigias estavam ao seu lado.

Só amanhã serão investigadas pelo Quartel Central as acusações de demora no socorro e de defeitos no carro e no material — informou o Capitão Malvadão, que chefiava ontem à tarde o Quartel Central.

RESCALDO

O fogo foi debelado em duas horas e meia, aproximadamente, e o trabalho de rescaldo terminou às 10h05m, embora quatro mangueiras acopladas permanecessem esguichando água por todo o prédio. Por trás das 14 colunas de cimento armado, algumas enegrecidas pela fumaça, via-se apenas escombros, vidros "fumêes" estilhaçados e esquadrias de alumínio contorcidas. Ficaram à mostra os condutos de ar condicionado e a fiação queimada, uma vez que as chamas destruíram o teto rebaixado, as divisórias dos salões e o chão, como se tudo tivesse sido pintado de preto. De longe, a visão que se tinha do MAM era a de um esqueleto enegrecido.

O administrador Luiz Pereira, um dos primeiros funcionários a chegar, garantiu que o museu dispunha de cem extintores de incêndio, espalhados em locais estratégicos, informação esta que foi confirmada pelos bombeiros, que no entanto disseram ter sido impossível utilizá-los, pela velocidade com que se propagou o fogo. Acentuaram, no entanto, que uma construção moderna — o bloco incendiado é de 1967 — deveria ter o sistema "sprinkler" (torneirinhas suspensas), que dispara água assim que a temperatura se eleva além do normal. Comentaram, também, que o material usado nas divisórias contribuiu decisivamente para a propagação imediata do incêndio.

POLÍCIA E PERÍCIA

Enquanto os vidros caíam, e os bombeiros recebiam ordens através de toques de corneta, chegava ao MAM o delegado Alexandre Magalhães, da 3ª DP. Ele fez o registro da ocorrência, e ficou encarregado de abrir inquérito para apurar responsabilidades. Teve com os reporteres o seguinte diálogo:

— O senhor sente cheiro de incêndio criminoso?

— Já lidei com muitos incêndios desse tipo, mas aqui não posso precisar se foi culposo, por negligência, se doloso, provocado por ação humana, ou se causado por motivos outros. Quero dizer a vocês que sou apaixonado por obras de arte.

No andar térreo, a sala 17 do Bloco-Escola foi reservada para acolher as peças resgatadas, algumas apenas levemente chamuscadas, outras praticamente em cinzas. D. Isaura Carvalho, há 20 anos chefe do setor de acervo, tramatazada cuidava de receber e catalogar essas peças.

As 11h30m, com a chegada de mais pessoas, o delegado ordenou o isolamento da área, porque o vidro, que caía junto com a água, ameaçava os passantes.

Vinte minutos depois chegava o carro do Instituto de Criminalística, trazendo o perito Luiz César da Veiga Pires, que visitou o prédio em companhia do delegado da 3ª DP, do administrador Luiz Pereira, de Dona Isaura, do crítico Roberto Pontual e do fotógrafo da polícia. A saída, meia-hora mais tarde, recusou-se a prestar declarações, negando-se mesmo a marcar uma data para a entrega do laudo. Inquirido pela reportagem, no entanto, admitiu a possibilidade de o incêndio ter sido provocado por um curto-circuito, e afastou a hipótese de crime.

O perito liberou o prédio, entregando-o à administração. Não se sabe se alguém foi enviado a Niterói, para localizar o funcionário responsável pelo único bem material (não artístico), salvo das chamas: Renato Barbosa, tesoureiro, guardador das chaves e do segredo do cofre onde está encerrada a apólice do seguro total do Museu de Arte Moderna.



De madrugada, as colunas de fogo no 2º andar, já consumindo o teto rebaixado e as paredes divisórias

na Mesbla

VALE A PENA COMPRAR!

FORRAÇÃO ITA CARPET

UMA BASE DE QUALIDADE PARA QUALQUER DECORAÇÃO QUE VOCÊ FIZER.

Solicite a presença de um vendedor especializado pelos telefones:

Passeio - 222-7720
Niterói - 719-9090
Méier - 229-6699
V. Redonda - 42-3710

- Nylon 100%
- Felpa com altura de 6 mm
- Fibras antialérgicas
- Cores: ouro velho, musgo, bege e havana
- Base de látex

249,90/m²

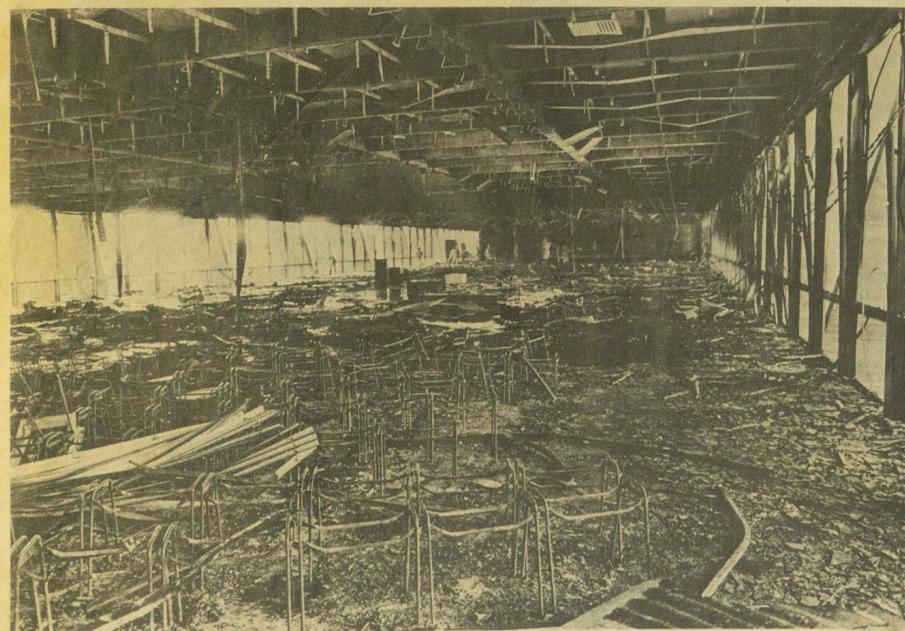
INSTALAÇÃO GRÁTIS

ITA Mesbla

EMPRESA 100% BRASILEIRA

Passeio • Niterói • Méier • Volta Redonda

PARTICIPE DO CLUBE DO DISCO E CLUBE DO LEITOR MESBLA



A sala Corpo e Som, onde havia exposições, após os trabalhos de rescaldo: apenas destroços

BANCO BRASIL
CONCURSO ATÉ 35 ANOS
Amanhã turma nova. Av. 13 de Maio, 47 s/ 206. Fone: 224-5018. Apostilas.

TV metais sanitários
100 anos de referência
RUA IRANI, 46
TEL. 280-0795

Compare, comprove e... COMPRE.

DUPLEX
Em louro, cerejeira, jacarandá ou laqueado.
A partir de **Cr\$ 4.690,**

ESTANTE RUDNICK
Com 2 corpos.
Madeira de lei.
Apenas **Cr\$ 4.790,**

SUPER-OFFERTAS POR POUCOS DIAS

Bi-cama estofada	Cr\$ 2.990,
Armário infantil	Cr\$ 2.290,
laqueado	Cr\$ 799,
Berço laqueado	Cr\$ 1.799,
Módulo estofado Phenix	Cr\$ 1.799,
Mesa e 4 bancos	Cr\$ 1.899,
com azulejos	Cr\$ 2.100,
Mesa console com 2	Cr\$ 1.270,
bancos em fórmica	Cr\$ 1.750,
Colchão Anaton solteiro	Cr\$ 1.750,
Mesa cromada c/vidro fumê	Cr\$ 5.990,
e 4 cadeiras cromadas	Cr\$ 5.990,

Camã estofada e colchão de molas Simmons-Epeda.
A partir de **Cr\$ 2.348,**

GRUPO PROBEL
Sofá e 2 poltronas.
Veludo padrão exclusivo de alt. qualidade.
Apenas **Cr\$ 8.570,**

Crédito Próprio imediato
Entrega em 24h

PONTO BRANCO
O PONTO CERTO DA ECONOMIA
Rua Haddock Lobo, 142-A
Rua Dias da Cruz, 209-A
Rua Barata Ribeiro, 330-A